

EXPONDO AS FERIDAS COLONIAIS: IMIGRAÇÕES BRASILEIRAS E DESESTABILIZAÇÃO DAS IMAGENS DE ORGULHO NACIONAL EM PORTUGAL

EXPOSING COLONIAL WOUNDS: BRAZILIAN IMMIGRATION AND THE DESTABILIZATION OF IMAGES OF NATIONAL PRIDE IN PORTUGAL

Manuela de Carvalho Meireles ¹

¹ Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra (CES-UC)
manueladecarvalhomeireles@gmail.com

Resumo. O SEF (2023) verificou, pelo sétimo ano consecutivo, um recorde da população estrangeira residente em Portugal. Neste crescimento anual, a nacionalidade brasileira mantém-se como a principal comunidade estrangeira em Portugal, representando praticamente 1/3 de toda a imigração. Ao mesmo tempo, de acordo com a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial do governo de Portugal, as denúncias de xenofobia contra imigrantes brasileiros cresceram mais de 500% até o final de 2023 em relação ao ano anterior, sendo o grupo que mais se queixa de discriminações. O objetivo deste trabalho é, partindo do dossiê de mídias e da revisão da literatura na área de estudos pós-coloniais, refletir como a imigração brasileira tem desestabilizado alguns elementos importantes da construção da “identidade nacional portuguesa” e como essa desestabilização tem gerado reações xenófobas. A partir de uma visão crítica, busca-se fazer um paralelo desse contexto com as feridas coloniais ainda abertas na sociedade.

Palavras-chave: 1. Pós-colonialismos, 2. Imigrações brasileiras em Portugal, 3. comunidades imaginadas, 4. culturas de raiz única e 5. racismo e xenofobia

Abstract. The Portuguese Immigration and Borders Service (SEF, 2023) recorded, for the seventh consecutive year, a new high in the foreign population residing in Portugal. Within this annual growth, Brazilian nationality remains the main foreign community in Portugal, representing almost one third of all immigration. At the same time, according to Portugal's Commission for Equality and Against Racial Discrimination, reports of xenophobia against Brazilian immigrants increased by more than 500% by the end of 2023 compared with the previous year, making Brazilians the group that most frequently reports discrimination. Based on a media dossier and a literature review in postcolonial studies, this work aims to reflect on how Brazilian immigration has destabilized important elements in the construction of Portuguese national identity, and how this destabilization has generated xenophobic reactions. From a critical perspective, the study seeks to draw a parallel between this context and the colonial wounds that remain open in society.

Keywords: Postcolonialisms; Brazilian immigration in Portugal; imagined communities; single-root cultures; racism and xenophobia

Introdução

É importante questionar a ideia de identidade nacional homogênea como uma realidade abstrata e atemporal, uma vez que toda realidade deve ser olhada a partir da sua historicidade (Gramsci, 1999: 297). A noção de Estado nacional e da identidade que propagam, não devem ser encaradas como naturais, mas fruto de processos históricos contraditórios e temporalmente determinados. Glissant atenta que as chamadas “culturas atávicas”, como a europeia, tendem a defender um estatuto de identidade de “raiz única”, que parte do princípio de uma Gênese, de uma filiação (2005). Contudo, a identidade nacional monolítica é um discurso, em que a nação, como comunidade imaginada (Anderson, 2008), é produzida a partir de histórias, mitos fundacionais, tradições inventadas (Hall, 2006: 50-57).

A naturalização de um ‘Nós’ branco, cristão e falante de português, de Portugal como um dos primeiros Estados-nação da Europa, com fronteiras antigas e estáveis (Araújo, 2018), a valorização do seu pioneirismo nas navegações, além da defesa do português como língua internamente compartilhada, são elementos que constroem o mito de uma homogeneidade étnica fundacional. Contudo, desconsidera as violências com que essa homogeneidade foi produzida. Também não se pode separar a construção do Estado Nação português do colonialismo histórico. Muitos dos países europeus só foram unificados a partir do processo de comparação das suas virtudes culturais com os traços negativos das nações que colonizaram (Hall, 2006) sendo que esse processo de hierarquização permanece, até hoje, um dos elementos culturais europeus.

Material e métodos

Partindo do exposto, vale questionar as narrativas midiáticas e acadêmicas que insistem que Portugal foi subitamente transformado de um país etnicamente homogêneo em um país heterogêneo e multicultural a partir das imigrações recentes (Araújo, 2018), uma vez que essa diversidade sempre existiu no território. Mesmo que o senso comum português tenha reforçado um certo imaginário de “invasão” de imigrantes,¹ este não encontra respaldo em dados concretos, uma vez que menos de 8% da população é imigrante (SEF, 2023). A partir de notícias relacionadas a questões de imigração e/ou racismo e xenofobia e comentários feitos por usuários, tanto em sites dos jornais como nas redes sociais digitais, busco relacionar a presença de imigrantes brasileiros e as reações geradas na sociedade portuguesa com continuidades do discurso colonial.

Resultados

Existe uma tendência atual de aumento da integração global, tanto em relação ao alcance quanto ao ritmo, acelerando os fluxos e laços entre as nações (Hall, 2006). Se de um lado o mundo tem se “crioulizado” (Glissant, 2005), de outro isso tem reavivado defesas da pureza e antimestiçagem, e em Portugal não é diferente. A permanência de uma visão colonial, leva à ideia de que o encontro com outras identidades representa uma ameaça de diluição de si mesmo, e muitas vezes da sua pretensa superioridade, provocando reações negativas.

Comentador 1: “Estamos a ser invadidos por terceiro mundo brasileiro, asiático e africano. Estamos a incentivar duas coisas; A saída dos nossos jovens e a vinda em

¹<https://poligrafo.sapo.pt/fact-check/os-imigrantes-estao-a-invadir-o-nosso-pais>

catadupa de analfabetos. Política de portas abertas. **Daqui a 50 anos, a continuar assim, não reconheceremos o nosso país**. Mais de 300.000 brasileiros ao longo dos últimos 20 anos já terão obtido a nacionalidade portuguesa. A juntar aos 300.000 que daqui a anos serão todos portugueses, teremos quase 600.000 **portugueses de gema**. A juntar 300.000 **judeus como Abramovich que subitamente descobriram que também são portugueses** já temos quase 1 milhão. [...]”² (Comentário feito 24.06.2023, 02:35h - Grifos meus)

Se há um movimento anti-imigração crescente em Portugal, cabe dizer que a presença brasileira é especialmente sentida, principalmente no que tange a sensação de diluição da identidade nacional portuguesa e, consequentemente, a reações discriminatórias a ela. A relação dos dois países remonta o período colonial e carrega uma série de tensões que se tem agravado em território português. Portugal lida hoje com uma forte oposição brasileira aos principais mitos fundacionais portugueses, o do heroísmo dos ditos “Descobrimentos”. Discursos de que não houve de fato um descobrimento, mas invasão, ou até críticas sarcásticas de “devolve meu ouro”,³ têm sido cada vez mais presentes, principalmente nas redes sociais.

Comentador 2: Sim meus caros, os Portugueses roubaram, estupraram violaram, vilipendiaram e deram-lhe depois um nome bonitinho que se chama - colonização.⁴ (Comentário feito 06.05.2021, 22:23h)

Ademais, a presença brasileira e sua liderança na denúncia de racismo e xenofobia no território desconstrói outro elemento de identificação fundacional que persiste no imaginário português: o luso-tropicalismo (Castelo, 1999). A ideia de uma especial colonização lusitana – pelo povo português ser naturalmente hospitaleiro, a ausência de racismo e existência de sociedades multirraciais integradas, persiste nas discussões sobre imigrações. Entretanto, o discurso dos supostos “costumes brandos” entra em conflito com as crescentes denúncias da comunidade brasileira,⁵ evidenciando o racismo e a xenofobia em seu território.

Comentador 3: “O português não é xenófobo o português é povo da terra de raízes e costumes. O povo português respeita o costuma de todas as raças acolhe bem e trata bem. Mas quando se depara com pessoas que não respeitam os nossos costumes o português não tem que respeitar tem mesmo de mostrar o seu descontentamento. [...]” (Comentário no Instagram na postagem de 29/01/2024 da postagem da Sic Notícias “Comunidade brasileira denuncia aumento dos casos de discriminação e violência em Portugal”)

Outro elemento de tensão está ligado à língua portuguesa, sustentando um ideal monolítico da nação. Partilhando com outros países que colonizou, Portugal mantém uma valorização da sua variante de português como a original, mais “pura”, e, por isso, hierarquicamente superior a outras variantes, o que reforça o ideário colonial de raiz única. Essa visão é ainda mais forte em relação à variante brasileira. Não é difícil de achar exemplos sobre o assunto, como é possível ver abaixo no comentário a uma postagem do jornal Público no *Instagram*, no dia 25/02/2024, em que uma jornalista brasileira fez um vídeo explicando sobre a medida do governo de devolução das

²<https://www.publico.pt/2023/06/23/sociedade/noticia/quase-800-mil-estrangeiros-vivem-portugal-30-sao-brasileiros-2054424>

³<https://www.publico.pt/2023/11/07/mundo/noticia/ministro-brasileiro-sugere-portugal-devolva-ouro-reacao-caso-xenofobia-2069414>

⁴<https://www.publico.pt/2021/05/05/p3/noticia/brasileiros-meia-lingua-portuguesa-palavras-sao-motivo-discriminacao-1961161>

⁵<https://sicnoticias.pt/pais/2024-01-29-Comunidade-brasileira-denuncia-aumento-dos-casos-de-discriminacao-e-violencia-em-Portugal-2971ac23>

propinas: **“Comentador 4:** Não entendo nada, destes dialectos. Não há jornalistas lusos?”.

Argumentos de que o português do Brasil não é português e sim “brasileiro” permeiam, tanto as redes sociais, como o dia a dia dos falantes da variante brasileira,⁶ alguns ainda fazem referência a um “pretoguês”. Apesar das evidências de que as línguas estão em constante mutação, o incômodo de alguns portugueses parte de um lugar de ameaça de diluição de si mesmo (Glissant, 2005) e de fragilidade de mais um elemento de orgulho nacional.

Cabe também compreender a posição de semiperiferia que Portugal ocupa (Santos, 2003: 42-45; Araújo, 2018: 22). Como um dos países mais pobres da Europa, os países europeus “do Norte” enxergam Portugal com as mesmas lentes coloniais, dentro da dicotomia civilizado/culturalmente inferior, estando para eles Portugal na última categoria. Deste modo, portugueses muitas vezes lidam de forma submissa a estrangeiros ingleses ou franceses em seu território, mas, através da discriminação de outros grupos, acabam por tentar reforçar sua posição ao lado dos “europeus civilizados”.

Comentador 5: “Quando os ingleses tomaram conta do Algarve ninguém disse nada. Ser europeu branco é na boa?”

Resposta: **Comentador 6:** não tem nada a ver com cor/etnia. Por favor não seja básica! E fundamentalmente uma questão cultural. (Comentário no Instagram na postagem de 28/02/2024 da postagem da Sic Notícias “Bernardo Ferrão sublinha que “os imigrantes não vieram refazer acréscimo de criminalidade”

Assim, não se trata de entender de maneira maniqueísta, com divisão estática em algozes e vítimas, mas perceber como a falta de crítica a questão colonial e a permanência em operar na mesma lógica hierarquizante tem gerado cada vez mais tensões no território. Isso demonstra como o discurso e prática colonial estão ainda vivos em Portugal, seja através da valorização histórica acrítica deste período ou mesmo das ainda presentes feridas coloniais na sociedade. Os fenômenos de subalternização, racismo, discriminação e intolerância religiosa, antes dirigidos aos povos colonizados, agora são dirigidos à categoria heterogênea de “estrangeiros” (Ribeiro, 2016), demonstrando a manutenção de uma visão hierárquica sobre a diferença.

Portanto, observo que o passado colonial e suas continuidades são elementos fundamentais para compreender os tensionamentos e polarizações no convívio entre brasileiros e portugueses em Portugal. Somente através da descolonização, do desafio a uma visão monolítica de identidade nacional, de raiz única, é possível pensar as imigrações e o encontro com outras raízes sem risco e medo de diluição de si mesmos.

Referências:

Anderson, B. (2008), *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Araújo, Marta (2018), “As narrativas da indústria da interculturalidade (1991-2016): Desafios para a educação e as lutas anti-racistas”, *Investigar em Educação, IIª série* (7), 9–35.

Castelo, Clara (1999), *O modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Porto: Edições Afrontamento.

⁶ <https://www.dn.pt/sociedade/ha-criancas-portuguesas-que-so-falam-brasileiro-14292845.html/>; [Crianças portuguesas estão ‘falando como brasileiros’, entenda por quê | Exame](#)

Glissant, Édouard (2005), *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF.

Gramsci, Antonio (1999), *Cadernos do Cárcere* – Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Hall, Stuart (2006), *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A.

_____. (2003), *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Brasília: Editora UFMG, Representação da UNESCO no Brasil.

Maeso, Silvia; Araújo, Marta (2013), “A quadratura do círculo: (Anti)racismo, imigração e a(s) política(s) da integração em Portugal nos anos 2000”, *Oficina do CES*, 407, 1–37.

Ribeiro, Margarida Calafate (2016), “A Casa da Nave Europa – miragens ou projeções pós-coloniais?”. In António Sousa Ribeiro e Margarida Calafate Ribeiro (Orgs.), *Geometrias da memória: Configurações pós-coloniais*. Porto: Edições Afrontamento, 15–42.

Santos, Boaventura de Sousa (2003), “Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade”, *Novos Estudos Cebrap*, 66, 23–52.

SEF/GEPEF, Lopes, S. M.; Machado, R. (2023), *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2022*. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. [RIFA2022 vF2a.pdf \(sef.pt\)](#)